

Comentario de textos de reciente publicación Recensión

Questionários: Teoria e Prática

JOÃO MANUEL MOREIRA
LIVRARIA ALMEDINA. COIMBRA

João Manuel Moreira é Professor na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, onde se licenciou e, já no novo milénio, doutorou. Tem um número apreciável de artigos publicados em revistas portuguesas e estrangeiras, entre as quais a presente e outras de língua inglesa. No momento actual, os seus estudos e investigação orientam-se, predominantemente, para os temas da vinculação e do comportamento relacional. Os seus interesses e conhecimentos desenvolvidos no campo da metodologia da investigação, designadamente na área da aplicação de métodos quantitativos, levaram a que, desde cedo e frequentemente, fosse procurado para consulta e informação atinentes. Isto mesmo o declara no início da Introdução, “A ideia deste livro nasceu essencialmente da minha experiência como colaborador em diversos projectos de investigação na área da Psicologia e das Ciências da educação” (p.13). Com efeito, o objectivo primordial da obra reside na construção,

adaptação ou utilização de instrumentos de recolha de dados verbalmente expressos. Os instrumentos em causa, precisa o autor, são instrumentos de investigação que estudam “relações entre variáveis” e “diferenças entre grupos”, mas não analisam casos individuais. O seu âmbito de estudo é a avaliação de “conteúdos mentais”, que cobrem domínios cognitivos, afectivos, comportamentais, etc. (p.15). O público a que se destina é um público diversificado que pode abranger os investigadores das Ciências Sociais, aqueles que se iniciam na investigação, os estudantes que pretendem realizar um trabalho de medição de variáveis psicológicas, ou os que procuram um texto em português que aborde essa técnica estatística, particularmente importante no sector estudado e em outros da investigação psicológica ou outra, designada de análise factorial. Uma qualidade a destacar nesta obra e que constitui, desde logo, uma razão da sua utilidade e vantagem para investigadores mesmo profissionais, é a pro-

fusão, riqueza e clareza dos conceitos que proporcionam ao leitor uma oportunidade de conhecer exactamente aquilo que se propõe levar por diante. Cada temática nova é precedida de uma introdução conceptual de cariz contextualizador. Este é um aspecto que denota a presença de uma preocupação de seriedade e consistência na transmissão dos conhecimentos. Acresce que tudo isto é feito num português, que revela ser ainda uma língua auto-suficiente, com amplas capacidades de tradução, bem para além da semelhança fonética, do pretexto da necessidade de renovação e enriquecimento da língua, que pode ocultar a preguiça da consulta de um dicionário, a pressa de terminar a escrita ou outras razões menos elegantes. Para quem, o mais das vezes, se depara com a necessidade de ler em outra língua ou em traduções descuidadas o texto que pretende – nunca o tradutor foi tão traidor como agora! –, o livro de João Moreira surge como um bálsamo. Um último reparo referente ao texto, é o da introdução do destaque em negrito das passagens essenciais, o que possibilita uma consulta mais rápida da ideia, conceito, prática ou sugestão, não apenas para o leitor que lê pela primeira vez, mas também para o que já leu a obra e necessita consultá-la. Houve ainda o cuidado do autor de, tanto quanto possível e em meu entender de modo conseguido, permitir uma leitura fluente ou continuada das partes do texto em negrito.

Após um breve capítulo inicial, onde se fala da medida, definida de modo simples e profundo como “um processo de codificação das propriedades do objecto” (p. 20), entra-se num capítulo sobre *escalas de medida*, onde, além da caracterização dos modelos clássicos, seu alcance e limites, com destaque para o modelo aditivo ou escala de Lickert, se aborda igualmente o modelo do traço latente ou teoria da resposta ao item (TRI). Este modelo é analisado segundo os seus princípios básicos, após o que o autor, salienta a complexidade de procedimentos requeridos para alcançar um resultado final útil que se não revela, decisivamente, mais vantajoso, mais preciso ou mais válido do que os obtidos mediante o modelo aditivo, aspecto que acaba por se traduzir no relativo pequeno número dos instrumentos construídos mediante esta metodologia. Ao longo do capítulo, o leitor toma conhecimento da função e significado das medidas, desde as de tendência central às correlações, à significância estatística e muitas outras. O capítulo finaliza com um esclarecimento pertinente sobre os conceitos de escalas, questionários, inventários e inquéritos, e com a chamada de atenção para o facto de que não existe apenas um método de construção de questionários, devendo aquele ajustar-se ao objectivo em vista, aos pressupostos e conhecimentos disponíveis em relação à natureza da variável ou variáveis a avaliar (p.120).

O capítulo seguinte aborda o tema principal da construção de questionários. Inicia-se com uma brilhante discussão das vantagens e inconvenientes das respostas abertas ou fechadas, um tema muito interessante e quase sempre insuficientemente ponderado, passando, depois, à questão da importância dos pressupostos, que abarca o tópico inicial do necessário esclarecimento do investigador acerca do que pretende estudar, o da clareza dos itens por forma a que sejam correctamente compreendidos, não se prestem a interpretações, não suscitem dúvidas sobre a que ou o que responder, o tópico ainda da disponibilidade do indivíduo para responder de forma sincera, enfim todo o condicionamento variado que permite que o objecto de investigação não seja realmente iludido ou adulterado. Seguem-se os temas mais ligados à composição do questionário, como o formato dos itens, as instruções, a disposição gráfica, a extensão do questionário, os estilos de resposta e a tradução de questionários. Cada um destes temas se encontra profusamente tratado, servido de uma revisão actualizada da respectiva literatura e dos exemplos e experiência própria que tornam a leitura do texto viva e atraente. Para que se tenha uma ideia do que acabo de dizer e do carácter que o autor confere a este seu trabalho, deixo ficar uma apreciação sua relativa à questão dos estilos de resposta. Após a distinção clara entre estilos de resposta e atitu-

des de resposta – os primeiros correspondem a preferências de modos de resposta, independentemente do conteúdo dos itens, as segundas correspondem a intenções mais ou menos deliberadas de um modo de responder (p.218) – o autor emite a seguinte apreciação: “...os dados da investigação actualmente disponíveis sugerem que a influência dos estilos de resposta sobre os resultados dos questionários a existir será negligenciável ou, no máximo, bastante modesta. (...) Na minha opinião, os itens devem ser elaborados tendo em consideração apenas as características desejáveis no seu conteúdo (legibilidade, clareza, etc.) e formulados no sentido positivo ou negativo, consoante aquilo que torne mais fácil o alcançar desses objectivos” (pp. 225.226).

Seguem-se dois longos capítulos relativos à precisão e à validade dos questionários. No primeiro destes, salienta-se, após a apresentação da teoria clássica do erro e avaliação da precisão, a apresentação cuidada e esclarecida da teoria da generalizabilidade., designação precedida do juízo “a precisão reenquadrada”, teoria encarecida pelo autor, que, em seu parecer, entre as vantagens e limites assinaláveis, “apresenta a considerável vantagem de poder ajudar os investigadores e os utilizadores das escalas a tomar consciência do verdadeiro conceito de precisão e das diversas técnicas utilizadas para a avaliar”. No segundo, temos tratado o tema da validade em termos bastante

esclarecedores que deixam supor uma compreensão apurada da parte do autor do significado deste conceito, tal como o havia revelado já com respeito à precisão. A exposição inicia-se com uma definição de Messick a que se segue a respectiva análise, proporcionando ao leitor um acesso pouco comum a um conceito tão importante como este. Destaque-se a nota relativa às concepções mais recentes de validade que tendem a aproximar as três formas tradicionais de validade, unificando-as conceptual e metodologicamente, em torno da conceptualização da validade de construto, isto é, “a ideia de que as medidas psicométricas terão um máximo de utilidade se constituírem bons índices de dimensões latentes, não observáveis, ao longo das quais os indivíduos podem ser distribuídos” (p.344). O capítulo prossegue com uma apresentação longa, simples, acessível da análise factorial, definida como “um conjunto de técnicas aplicáveis à análise de matrizes de correlações (...) com o objectivo de identificar as variáveis latentes que estão subjacentes às variáveis observadas e determinar qual a relação (geralmente, a correlação) entre umas e outras” (p.389). Após a indicação de diversas técnicas

de análise factorial exploratória, apresenta-se outra modalidade designada de análise factorial confirmatória, uma técnica mais recente, muito utilizada actualmente. O livro termina com um capítulo sobre a apresentação dos resultados, dando especial atenção às modalidades mais usadas: percentis, resultados padronizados e resultados normalizados.

Estamos perante uma obra séria, de elevada qualidade, actualizada nas suas numerosas referências bibliográficas, a que assiste um excelente critério na apresentação e valoração das temáticas. Tornam-se, efectivamente, acessíveis, ao leitor interessado e suficientemente preparado, conceitos, métodos, técnicas e problemáticas, de um modo cuja clareza nem sempre se encontra em livros da especialidade. Este aspecto torna-se tanto mais importante quanto a língua em que está escrita é o português, facto pouco frequente neste campo e que, seguramente, irá ao encontro dos muitos leitores que procuram um livro com esta tema. Aliás, não deverá deixar de atender-se às traduções adoptadas para muitos termos específicos, tantas vezes usados em inglês, as quais poderão enriquecer a terminologia portuguesa da Psicologia.

DANILO R. SILVA
Universidad de Lisboa
Portugal